

2ª Safra

Mesmo com as chuvas, o trabalho de semeadura já começou e está a pleno vapor em Mato Grosso

Produtores começam plantio do algodão e milho

Wisley Tomaz
Da Redação

Apesar das chuvas não pararem e estar atrasando o plantio do milho e algodão, os produtores mantêm o ritmo da semeadura em Mato Grosso. Conforme dados do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), divulgados na última semana do mês de janeiro, o plantio do algodão de 2ª safra está a todo vapor, sendo que os

produtores pretendem terminar a semeadura dentro da janela de plantio adequada. De acordo com o levantamento da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa), realizado em janeiro, a área deve atingir apenas 464 mil hectares, distribuídos em 30,5% na primeira safra, 62,1% na segunda safra e 7,3% para o adensado. Houve uma redução de 7% em relação à expectativa de dezembro, levando a uma queda anual de 35,7%. A área de algodão 2ª safra é destaque nesta temporada,

pois, juntos, o plantio convencional e o adensado somarão 322,8 mil hectares, 70% do total estimado. Na avaliação dos analistas do Imea, apresentado no último Boletim semanal, o modelo da safra 2012/13 mostra a preferência do produtor pela expansão da soja em detrimento do algodão. Isso porque como há boa parte da área de algodão a ser plantada, ainda existem incertezas quanto ao tamanho da área de segunda safra, podendo ocorrer mais reduções se

os produtores não conseguirem plantar dentro da janela de plantio. Contudo, se a área for consolidada, a produção de pluma será de apenas 632 mil toneladas em Mato Grosso, redução de 42% em relação à última temporada. A analista do Imea, Elisa Gomes, explica que se comparado ao ano passado, onde os produtores já haviam plantado cerca de 90% de algodão, há um atraso este ano em função das chuvas, pois os últimos dados mostram que foi plantado 75%. Contudo, os produtores estão atentos e focados, o que significa que pretendem cumprir suas metas aproveitando as estiagens.

Em relação ao milho, com 78 mil hectares plantados, Mato Grosso avança no plantio com 2,8% de sua área destinada à cultura. Sabendo-se que 560 mil hectares de soja já foram colhidos e que o algodão também é utilizado em sucessão à soja, tem-se que cerca de 300 mil hectares estão sendo preenchidos com algodão. Com isso, há 182 mil hectares ainda disponíveis para o plantio do milho, cerca de 6,5% de toda a área de soja colhida até o momento.

Os principais municípios em avanço no plantio são Lucas do Rio Verde e Sapezal, ambos com 6%, seguidos por Sinop e Campo Novo do Parecis, ambos com 5% de realização do plantio. Esta última cidade pertence à região oeste do Estado, a qual apresenta em sua totalidade a maior soma de área plantada até o momento, cerca de 4,8%, e também a que apresentou avanço mais significativo entre as duas últimas semanas, de 3,1%. Em termos gerais, segundo o analista do Imea, Daniel Latorraca, as chuvas prejudicaram, mas não de forma significativa. Isso porque até o momento os produtores plantaram cerca de 10% da área total, sendo que neste mesmo período do ano passado eles haviam plantado 11,9%. A previsão é que até o final deste mês, no máximo na primeira semana de março o plantio já esteja concluído.



Plantio do milho safrinha. Produtores trabalham firme também na semeadura do algodão

Mecanização exige capacitação

Tania Rauber
Da Redação

Rentabilidade para produtor e trabalhador. A mecanização das propriedades agrícolas tem garantido não só redução nos custos de produção, mas também impulsionado a qualificação da mão-de-obra e, consequentemente, melhor remuneração no campo. Em todo o Brasil, a estimativa é que 70% das terras produtivas brasileiras já estejam mecanizadas. Em Mato Grosso, que tem como característica a presença de propriedades de médio e grande porte, este índice é ainda maior. Com isso, a demanda por mão de obra especializada cresce a cada ano.

Especialista em mecanização agrícola da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o professor Paulo Roberto Arbex Silva ressaltava, diferente do que muitos pensam, a utilização de novas tecnologias nas lavouras não está acabando com a oferta de empregos. Pelo contrário, está tornando o setor mais rentável e atrativo.

Em Mato Grosso, por exemplo, um operador de máquinas pode ganhar de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil. Enquanto que na atividade braçal os salários não chegam a R\$ 1 mil. “Antes, quem não tinha capacitação ia trabalhar na lavoura. Hoje este tipo de mão-de-obra está diminuindo e estes trabalhadores tendo que se qualificar para continuar no campo. É uma mudança gradativa de cultura”.

Outro benefício apontado pelo pesquisador é a retirada dos trabalhadores de atividades insalubres. “Na atividade canavieira, por exemplo, uma colhedora faz o trabalho de 70 homens. Isso porque consegue trabalhar em ritmo mais acelerado por até 24 horas, enquanto um homem tem limitação de física de 8 horas. Em contrapartida, estes trabalhadores vão buscar outras atividades para se ocupar”.

Um dos maiores desafios é ampliar a oferta de cursos de qualificação. Em Mato Grosso, este trabalho é realizado pelo Serviço de Aprendizagem Rural (Senar) durante o ano to-

do. Somente em 2012, foram ofertados 250 treinamentos na área de mecanização que atingiram 4 mil trabalhadores. Mesmo assim o número ainda é insuficiente. Durante o circuito tecnológico realizado na safra passada, a Associação dos Produtores de Soja (Aprosoja) levantou que 68% dos agricultores matogrossenses enfrentam problemas com mão de obra, principalmente pela falta de qualificação. Nas regiões Leste e Oeste estas dificuldades são maiores. Cerca de 45% dos sojicultores admitem não encontrar profissionais disponíveis no mercado. Segundo o gerente de Aprendizagem Marciel Becker, este cenário tem gerado prejuízos

ao homem do campo. Estudos apontam que apenas 10% da capacidade tecnológica das máquinas estão sendo aproveitadas em grande parte das lavouras. As perdas por falta de regulação e manutenção adequada das colheitadeiras, por exemplo, podem gerar prejuízos de até 5 sacas por hectare de soja. “Isso tudo porque uma regulação não é bem feita, porque não se está aproveitando a velocidade da máquina. Um profissional capacitado consegue obter o melhor de cada equipamento, este é o desafio”. A demanda reprimida de mão de obra também está ocasionando a migração de profissionais da cidade para o campo, como não se via

há anos. “São atividades com boa rentabilidade e emprego certo. Por isso estamos vendo um cenário inverso do ocorrido nos últimos anos”. Serviço: Para participar dos cursos de operação, regulação e manutenção de tratores, colheitadeiras e pulverizadores, oferecidos pelo Senar, os interessados precisam ter domínio da leitura e, preferencialmente, um curso básico de informática. Eles são oferecidos em parceria com os sindicatos rurais nos 141 municípios localizados nas 4 regiões do Estado. Os mais extensos tem duração de 200 a 400 horas para operadores de máquinas.



Mecanização das propriedades agrícolas impulsiona a qualificação da mão-de-obra